

# Temendo desgaste, Planalto quer solução rápida da crise

*Parlamentares que foram a Quebec dizem que irritação de FHC com pefelista chegou ao limite*

LEANDRA PERES

Enviada especial

**Q**UEBEC – O governo quer que o Congresso defina rapidamente o destino dos senadores José Roberto Arruda (PSDB-DF) e Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), acusados de envolvimento na violação do painel eletrônico do Senado. De acordo com parlamentares que integraram a comitiva do presidente Fernando Henrique Cardoso ao Canadá, a avaliação do Planalto é que, quanto mais a crise política se arrastar, maior será o desgaste do governo. Por isso, a necessidade de uma decisão sobre a cassação e, caso o Congresso decida levar adiante a acusação de quebra de decoro parlamentar contra os acusados, que o processo seja rápido, explicaram dois aliados que acompanhavam o presidente.

A irritação de Fernando Henrique com ACM chegou ao limite. Segundo relato dos parlamentares, o presidente fez um duro desabafo durante a viagem a Quebec, cogitando até demitir os indicados que o senador mantém

no terceiro e quarto escalões do governo. Essas considerações foram feitas antes do desembarque no Canadá, ou seja, antes mesmo de o senador pefelista haver dito que o presidente está satisfeito com a crise no Congresso e insinuado que o governo tivesse interesse na fraude.

“O presidente lembrou que nunca um chefe de Estado deixou um rei e um primeiro-ministro esperando como ele (Fernando Henrique) fez quando o deputado Luiz Eduardo Magalhães (PFL-BA) faleceu”, disse um parlamentar que conversou com o presidente na viagem. “O presidente disse que sempre tratou Antonio Carlos com deferência, por causa de Luiz Eduardo, e ACM nunca retribuiu esse respeito.”

A avaliação do Planalto sobre a necessidade de haver uma definição rápida sobre o futuro dos dois senadores está sendo feita no momento em que aparecem suspeitas de violação do painel do Senado em outras vo-

tações. De acordo com um parlamentar, seria necessário encaminhar uma solução para a crise política, para que o governo não continuasse sofrendo o desgaste e ainda corresse o risco de ver a crise do Legislativo transformada em problema seu.

O Planalto também deu sinais de preocupação com o comportamento futuro dos senadores. As suspeitas de que o painel do Senado teria sido violado outras vezes confirmou o temor de que Arruda e ACM não assistiriam passivamente à derrocada política.

**Silêncio** – Fernando Henrique não respondeu aos ataques de ACM. No início da tarde de ontem, ao deixar Quebec, ele foi seguido pela imprensa, do hotel onde estava hospedado até o carro que o levou ao aeroporto. Mas não deu declaração. A ordem de manter silêncio foi respeitada pela delegação oficial, mas o clima de tensão era visível entre os assessores.

O presidente deixou Quebec mais cedo que o programado. De acordo com sua assessoria, ele não participou da coletiva à

imprensa concedida por alguns dos presidentes porque não queria chegar muito tarde ao Brasil. Como a participação dele ainda não havia sido confirmada, ele preferiu marcar o vôo – antes que

**P**RESIDENTE  
EVITA FALAR  
SOBRE  
DENÚNCIAS

o convite fosse oficializado.

A estratégia de não rebater os ataques de ACM foi definida no sábado, quando o presidente teve uma conversa com a imprensa brasileira e não falou da crise política. Questionado sobre os problemas que enfrentaria ao retornar ao País, ele disse que trataria do assunto quando voltasse e deixaria o tempo passar, para que “as situações se desenhem com mais nitidez”.

Os parlamentares que acompanharam o presidente a Quebec acreditam que o processo de cassação dos dois senadores é irreversível, mas apostam que o presidente do Senado, Jader Barbalho, não conseguirá escapar. Segundo um senador e dois deputados, o foco da crise está voltado para o processo de cassação de Arruda e ACM, mas as novas denúncias envolvendo a mulher de Jader em projetos financiados pela Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) não ficarão de lado.